

Calçadistas nem querem falar em investimentos

Com queda de 35,8% na produção e redução de oito mil postos de trabalho nos quatro primeiros meses deste ano, a indústria calçadista de Franca não cogita em investir e menos ainda em ampliar novamente sua produção, mesmo que haja recuperação do mercado interno, enquanto o governo não adotar medidas para conter "esta bagunça" em que se transformou a economia. A advertência foi feita ontem, em São Paulo, pelo diretor de Comércio Exterior do Sindicato da Indústria Calçadista de Franca, Abdala Jamil Abdala, para quem a queda na produção e a recuperação das vendas externas deverão provocar problemas de abastecimento do produto no mercado interno.

De acordo com os dados do sindicato, o setor está operando nos níveis de 1982, ou seja, com menos de 65% de sua capacidade e poderá reduzir ainda mais sua produção. "O comércio de calçado está praticamente paralisado desde janeiro e não repõe

estoques desde o ano passado, o que é compreensível com os elevados custos financeiros e com a queda na demanda", afirmou Abdala, ao justificar o aumento de preços dos calçados em função da elevação de custos de produção. Citando levantamento do órgão de classe, segundo o qual o preço da peça de couro simples e do solado de couro teve elevação de mais de 100% nos últimos 120 dias e o solado de borracha aumentou 150% em 45 dias, Abdala foi enfático ao dizer que a indústria calçadista está entrando em fase de desânimo e que se a crise se aprofundar provocará sério problema social.

O dirigente empresarial disse, entretanto, que o panorama só não é mais grave graças à penetração dos calçados brasileiros no mercado externo. Ainda assim criticou a falta de definição do governo quanto ao modelo de produção: "Se o governo quer um modelo exportador, como parece, deve adotar uma política séria para o setor".